

Nessa edição do Boletim, trazemos duas matérias produzidas por diferentes mídias, que poderão ajudar a refletir sobre a questão da prevenção ao uso indevido de drogas e da dependência.

Sabe-se que hoje, muitos países, inclusive o Brasil, trabalham com uma concepção de prevenção para se evitar uso indevido de drogas. O **uso indevido** (ou abusivo) de drogas, lícitas ou ilícitas, se dá quando o indivíduo se utiliza de uma quantidade que pode ser potencialmente perigosa dessas substâncias. Essa concepção de prevenção trabalha com o pressuposto de que todos nós somos capazes de fazer escolhas e compreender os riscos em que essas escolhas implicam. Agora, é claro que para se trabalhar com essa concepção de prevenção, é fundamental fornecer aos indivíduos informações claras e corretas sobre as Drogas e seus efeitos.

A grande questão é em relação a uma preocupação social no sentido de como prevenir o uso de drogas ou reduzir seus danos na sociedade. A quem cabe esse papel? Quem são os principais responsáveis pela informação de prevenção às drogas? Apenas a informação é suficiente ou algo mais concreto precisa ser realizado? Essas e diversas outras questões tornam a prevenção às drogas uma esfera completamente complexa e delicada e que pode e deve ser tratada no PJ Minas 2011.

[É possível usar drogas como recreação?](#)

Rodrigo Turrer e Humberto Maia Junior



Embora alguns usuários de maconha, cocaína e ecstasy entendam que o consumo moderado não afeta suas vidas, pesquisadores afirmam que é impossível prever quem ficará dependente .

Aos 28 anos, Henrique (nome fictício) é gerente em um dos maiores bancos multinacionais no Brasil. Foi uma ascensão e tanto: ele entrou como analista sênior, foi promovido a coordenador um ano depois e, em menos de dois anos, já ocupava uma das gerências.

"Várias pessoas mais velhas do que eu não se mexeram como eu me mexi e não obtiveram o mesmo reconhecimento", diz com naturalidade, sem demonstrar arrogância. Henrique se considera uma pessoa responsável.

Ele se mudou do interior de São Paulo para a capital quando foi aprovado no curso de Administração da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Se formou aos 22 anos sem ter sido reprovado em nenhuma matéria. "Nunca fui de matar aulas", diz. Tem no currículo um MBA em

Contabilidade. Fala inglês e espanhol. Frequenta a academia de ginástica duas vezes por semana e não perde o futebol com os amigos. Parece o tipo de homem que um conservador pai de família iria querer como genro. Exceto por um detalhe: para relaxar entre tantas atividades, Henrique fuma maconha. “A erva é como a cerveja depois do trabalho e nunca me prejudicou em nada.”

Aliar uma boa vida pessoal e profissional com o uso de drogas não é exclusividade de Henrique. Como ele, muitos outros jovens são usuários convictos de substâncias ilícitas e não se deixam ser escravizados por elas. Integrantes de uma geração pouco acostumada com imposições, dogmas e autoritarismo mas que não abre mão da busca pelo prazer, eles se sentem livres para usar substâncias que provocam o bem estar ainda que possam levar ao vício.

Muitas pessoas de sua geração cresceram ouvindo o discurso anti-drogas recheado de frases de efeito: “droga mata”, “maconheiro é vagabundo”, “droga é uma droga”. Mas, ao atingir certa idade, se tornaram “Henriques” ou passaram a ter muitos deles entre suas amizades mais próximas. “Eu consigo usar drogas com responsabilidade e não me sinto especial por isso. Conheço muitas pessoas que também conseguem e levam uma vida normal”, diz Mariana, de 27 anos, formada em Comunicação Social. Bem sucedida no trabalho e na vida afetiva, ela não tem nenhum ranço daquele estereótipo de usuário que busca nas drogas uma fuga.

Olhando as drogas sob a perspectiva de quem as consome de forma recreacional, parece tudo muito bom. Claro que o uso de uma substância ilícita tem implicações legais, mas isso não parece ser um impeditivo para quem as consome moderadamente, em ambientes privados. Quanto aos riscos que as drogas impõem à saúde, os usuários costumam compará-los ao álcool e ao tabaco, que também fazem mal e viciam, mas são liberados. O que parece não pesar na conta dos usuários que se consideram imunes ao vício é que eles também não estão livres de sofrer consequências mais dramáticas que decorrem dessa escolha. Pesquisas mostram que a cada 10 consumidores, de um a dois se tornam dependentes. É uma minoria, mas que pode vir a ter problemas como abandonar os estudos, o trabalho, a família; vão roubar, se prostituir ou gastar toda a mesada para sustentar o vício; vão se afundar; provocar angústia nos pais, que irão se perguntar o que fizeram de errado e, se puderem, gastarão pequenas fortunas no tratamento do filho.

“É impossível saber de antemão se alguém se tornará dependente ou não. Usar a droga apenas ‘para experimentar’ é uma loteria, é como fazer sexo sem camisinha”, diz Ronaldo Laranjeira, psiquiatra, especialista em dependência e coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Estado de São Paulo. Como até hoje ninguém conseguiu explicar por que alguns usuários perdem o controle e outros não, a recomendação mais sensata é evitar.

Fonte: Revista Época

Dependência não é questão de escolha

Jairo Bouer

Quando hesitei em assistir ao show de Amy Winehouse em janeiro deste ano, em Florianópolis, um amigo que ia junto me alertou: “Vá, sim, que essa pode ser sua última chance de vê-la viva”. Não acreditei!

Durante o show, Amy errou a letra, perdeu o ritmo, cambaleou, saiu diversas vezes do palco e ainda “confundiu” a garrafinha de água com o microfone. O que parecia engraçado e patético, para mim, soou muito triste. Essa tristeza vem, em parte, da percepção concreta da dificuldade que muitas pessoas enfrentam, diariamente, para se livrar da dependência dos diversos tipos de droga. O que acompanhamos no caso de Amy foi o retrato de alguém que precisava de mais ajuda. As suas “rehab’s”, ao contrário da música, não foram bem-sucedidas!

Uma imagem que chamou a atenção foi ver gente colocando bebida na porta da casa da cantora ou celebrando com um “brinde” no Facebook sua morte, como se houvesse uma aprovação ao “destino” que ela escolheu. Não convence!

A morte de uma artista brilhante aos 27 não é nem romântica nem libertária. É triste! Aquela história de que mais vale viver dez anos a cem do que cem anos a dez, usada para justificar a partida precoce de tantos gênios, para mim, não cola! Não quando você não tem opção de escolher! E, na dependência, você não escolhe. A droga fala mais alto. A fissura, o desejo de

repetir a experiência prazerosa, é soberana. Nesse processo, as escolhas são bem poucas.

Apesar de escrever esta coluna antes do laudo oficial dizer qual foi a causa da morte de Amy Winehouse, a gente imagina que um erro acidental ou voluntário na quantidade ou na combinação de substâncias parece ter selado o destino da cantora que mais chacoalhou o cenário da música inglesa neste século. E para quem acha que dependência é uma questão de caráter ou de escolha artística, a verdade não é bem essa. Dependência é doença! E gênios também ficam doentes e morrem por causa da sua doença!

Fonte: Folha de São Paulo

GLOSSÁRIO do PJ MINAS 2011

FISSURA

Desejo intenso vivido como incontrolável de continuar usando a droga.

Fonte: [Ministério da Saúde](#).

REDUÇÃO DE DANOS

Redução de danos é uma política de saúde desenvolvida por meio de ações dirigidas a usuários ou a dependentes de drogas que não podem, não conseguem ou não querem interromper o referido uso. A política tem como objetivo reduzir os riscos associados ao uso de drogas sem, necessariamente, intervir na oferta ou no consumo.

São ações de redução de danos: informação, educação e aconselhamento; assistência social e à saúde; e disponibilização de insumos (seringas, camisinhas, etc.) de proteção à saúde e de prevenção ao HIV/Aids e Hepatites.

Fonte: [Ministério da Saúde](#).



[FACEBOOK DO PJ MINAS 2011](#)

O Facebook do PJ Minas 2011 foi criado pela equipe da PUC Minas para servir de espaço de entrosamento e de troca de experiências e ideias sobre o o PJ. Participe!



Avenida Olegário Maciel, 2106- Lourdes - CEP: 30108-112 - Belo Horizonte/MG
email: escola@almg.gov.br - telefone: (31) 2108 3400

